

# DIÁLOGO ENTRE METODOLOGIAS QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS NO CAMPO DA SAÚDE

2010

**Michael Ferreira Machado**

Curso de Psicologia - Universidade Federal de Alagoas – Brasil

Contacto:

[michael.ufal@gmail.com](mailto:michael.ufal@gmail.com)

---

## RESUMO

Este artigo pretende discutir algumas questões relacionadas ao uso de métodos qualitativos e quantitativos, em pesquisa social na área da saúde pública. A atual discussão sobre os benefícios e desvantagens dos diversos métodos de pesquisa social desenvolvidos na área da saúde pública requer um exame muito atento acerca de alguns problemas relacionados à integração entre as perspectivas qualitativa e quantitativa. O debate e a contraposição freqüentemente registrada entre as duas abordagens não são novos, nem particulares do campo das ciências sociais aplicadas à saúde. As correntes positivistas e neopositivistas definem como científicas somente as pesquisas baseadas na observação de dados da experiência e que utilizam instrumentos de mensuração sofisticados; afirmam que os métodos qualitativos não originam resultados confiáveis. Por outra parte, os teóricos qualitativistas sustentam que os quantitativistas, na medida em que não se colocam no lugar do sujeito, não realizam investigações válidas. Desse modo, ao apresentar algumas questões relacionadas ao uso de métodos qualitativos e quantitativos em pesquisa social na área da saúde pública, apontando, como objetivo, algumas estratégias que possibilitem a integração desses métodos. Busca-se uma integração entre recursos metodológicos de natureza quantitativa e qualitativa, ao apresentar considerações teóricas de diferentes autores como Lazarsfeld & Barton, 1967; Wallace, 1971; Boudon, 1979; Reichardt & Cook, 1979; Minayo & Sanches, 1993, entre outros, que têm trabalhado para superar esta contraposição, sem renunciar a evidenciar as características e as contribuições de cada abordagem.

**Palavras-chave:** pesquisa em psicologia; métodos de investigação; saúde pública.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre os benefícios e as desvantagens dos diversos métodos de pesquisa social na área da saúde requer um exame atento. O eterno confronto entre teóricos quantitativistas e qualitativistas remontam a fundação das ciências sociais. Embora haja uma literatura abundante que aborda esse debate, verifica-se que são poucos os trabalhos que tentam desenvolver estratégias de integração entre as perspectivas *qualitativistas* e *quantitativistas*.

Uma parte significativa da literatura sobre o tema, porém, centraliza o debate na contraposição entre as duas abordagens, utilizando justaposições superficiais das ferramentas mais simples dos dois métodos (Steckler et al., 1992).

De fato, embora exista uma pluralidade de convergências e divergências, muitas vezes a literatura reduz esta oposição a um simples estereótipo: a observação participante em contraposição à sondagem de opinião (Agodi, 1996).

A partir da década de 1960, muitos cientistas sociais (Lazarsfeld & Barton, 1967; Wallace, 1971; Boudon, 1979; Minayo & Sanches, 1993, entre outros) desenvolveram trabalhos para ultrapassar esta contraposição, sem resignar a evidenciar as características e as contribuições de cada abordagem. De fato, como observam Cipolla & De Lillo (1996), trata-se de duas perspectivas aparentemente inconciliáveis para aproximar-se da realidade observada, mas ambas estão relacionadas às mesmas questões: Quais as condições que permitem ao pesquisador ter acesso à realidade social? Quais critérios possibilitam estabelecer se os procedimentos e as regras interpretativas são adequados para representar os processos de construção do sentido dos atores?

Do ponto de vista metodológico, não há incongruência, assim como não há continuidade, entre investigação quantitativa e qualitativa. Ambas são de natureza diferente. A investigação quantitativa atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis.

A investigação qualitativa, ao contrário, trabalha com *valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões* (Minayo & Sanches, 1993).

### Algumas considerações

As experiências das pesquisas de campo, fundamentadas em uma perspectiva mais pragmática e menos orientada para um *sectarismo* epistemológico, aludem que da combinação das duas abordagens (cada uma no seu uso apropriado) é possível obter resultados satisfatórios.

Por exemplo: queremos saber *quantas* pessoas de uma comunidade conhecem as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), ou *o que* a população desta comunidade sabe sobre as DST? Para responder às preocupações formuladas neste exemplo, precisa-se utilizar métodos qualitativos e quantitativos.

De fato, os métodos quantitativos são precários em termos de validade interna (nem sempre sabemos se medem o que pretendem medir), entretanto são fortes em termos de validade externa: os resultados adquiridos são generalizáveis para o conjunto da comunidade.

Ao contrário, os métodos qualitativos têm muita validade interna (focalizam as particularidade e as especificidades dos grupos sociais estudados), mas são débeis em termos de sua possibilidade de generalizar os resultados para toda a comunidade (Perrone, 1977; Niero, 1987; Castro & Bronfman, 1997). Por isso, é muito importante poder contar com achados obtidos com métodos qualitativos e quantitativos, que permitem garantir um razoável grau de validade externa e interna. Isso foi visível, no estudo desenvolvido por Machado, Lima e Cunha (2009), na Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, que a partir dos dados estatísticos repassados pelos Centros de Emprego, a orientadora vocacional criava e geria os fundos e programas de capacitação profissional para a comunidade da junta.

Segundo Cannavó (1989), a antítese metodológica entre as abordagens qualitativa e quantitativa é abstrata, na medida em que não aprecia as seguintes categorias de análise: *a orientação ao problema e as finalidades da pesquisa*.

Diante disso, as metodologias, como explicitam Downey & Ireland (*apud* Delli Zotti, 1996), *não são nem apropriadas e nem inapropriadas, até que sejam aplicadas a um problema específico de pesquisa*. Essas colocações são muito úteis para se evitar assumir uma postura epistemológica reducionista ou, simplesmente, ideológica, diante dos métodos a serem utilizados em nossas pesquisas. Por isso, ao começarmos uma pesquisa, a fim de aprofundar o conhecimento de um problema, é bom sermos mais pragmáticos e perguntarmos: Qual é o objeto de nosso interesse? Qual é a natureza do problema que queremos investigar?

Pode-se adotar, portanto, a partir destas colocações, que os caminhos que conduzem à integração ou, pelo menos, à complementaridade entre métodos qualitativos e quantitativos não são fechadas, mas suficientemente abertas. De outra forma, como aponta Cannavó (1989), a pesquisa empírica se reduz, alternativamente, ou na apresentação de estudos de casos e biografias recolhidas sem critérios de representatividade, ou na apresentação de índices, figuras e gráficos considerados auto-evidentes e sem uma adequada interpretação do contexto problematizador e o aprofundamento de aspectos importantes e elucidadores da realidade pesquisada.

Uma vez que reconhecida a complementaridade entre as duas abordagens e a forma de dispor-se a alguma integração, a partir do reconhecimento das particularidades de cada uma, é possível identificar de que maneira podem ser mais bem incorporadas a estrutura da pesquisa.

Se o objeto de estudo está definido, já que outras pesquisas têm acumulado um corpo suficiente de conhecimentos sobre o tema, trata-se então de examinar somente se este corpo de conhecimentos vale em outras condições, ainda não exploradas empiricamente. Neste caso podem-se utilizar métodos de pesquisa quantitativa como um questionário estruturado ou uma sondagem.

Porém, havendo áreas em que não se tem ainda desenvolvido um adequado conhecimento teórico e conceitual, ou não foram estabelecidas hipóteses precisas ou ainda não sabemos com clareza o que estamos buscando. Nesses casos, os métodos qualitativos ajudam no trabalho de construção do objeto estudado, facilitam na descoberta de dimensões não conhecidas do problema e auxiliam na formulação e comprovação de novas hipóteses.

Os métodos qualitativos devem ser empregados quando o objeto de estudo não é bem conhecido. Por possuir a capacidade de fazer surgir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito, são aptos para expor novos nexos e explicar significados.

De fato, durante a pesquisa, comumente surgem relações entre variáveis, motivações e comportamentos completamente inesperados, que não surgiriam utilizando um questionário estruturado, cuja característica técnica é a uniformidade do estímulo. Por isso, os métodos qualitativos são importantes na fase prévia da pesquisa.

Em outras palavras, a análise qualitativa pode também não chegar a quantificar e, por outra parte, nada exclui que a análise quantitativa aluda a necessidade de novas análises qualitativas. A contraposição entre qualidade e quantidade torna-se, portanto, matizada, e a integração, inevitável.

### **Características dos métodos qualitativos e quantitativos**

Uma vez superado o conflito entre métodos qualitativos e quantitativos, corroborando a complementaridade entre eles e a possibilidade de encaminhar estratégias de integração na prática da investigação, é preciso identificar as características e as especificidades de cada abordagem. Em linhas gerais, como apresenta:

### Métodos qualitativos: fenomenologia e compreensão

- Avaliam o comportamento humano, do ponto de vista do ator, utilizando a observação naturalista e não controlada;
- São subjetivos e estão próximos dos dados perspectiva de dentro, *insider*;
- São exploratórios, descritivos e indutivos;
- São orientados ao processo e assumem uma realidade dinâmica;
- São holísticos e não generalizáveis.

### Métodos quantitativos: positivismo lógico

- São orientados à busca da intensidade e das causas dos fenômenos sociais, sem interesse pela dimensão subjetiva e utilizam procedimentos controlados;
- São objetivos e distantes dos dados (perspectiva externa, *outsider*), orientados à verificação e são hipotético-dedutivos;
- Adotam uma perspectiva de realidade estática;
- São orientados aos resultados, são replicáveis e generalizáveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À guisa de conclusão deste trabalho, cujo objetivo é colaborar para a superação da incomunicabilidade entre pesquisadores qualitativos e quantitativos, faz-se necessário chamar a atenção sobre dois preconceitos que têm caracterizado o debate acerca destes dois métodos.

O primeiro aspecto a ser analisado e superado na dialética qualitativo-quantitativo é a questão da sensibilidade, comumente atribuída aos pesquisadores qualitativos. Cabe apontar, conforme explicita Cavalli (1996), que a particular sensibilidade do pesquisador ou aquela que ele chama a penetração empática não é um método, mas uma capacidade subjetiva que tem que ser rigorosamente distinta do método compreensivo. Em outras palavras, os métodos qualitativos não estão relacionados à sensibilidade e intuição do pesquisador. A sensibilidade é um atributo necessário e desejável em todos os tipos de pesquisa social.

Por outro lado, há de ser ultrapassado também outro preconceito que atribui maior cientificidade à abordagem quantitativa. Em verdade, os métodos qualitativos são tão rigorosos quanto os quantitativos. Qualquer método requer um conjunto de regras e procedimentos, que permitem controlar os componentes subjetivos da interpretação (Cavalli, 1996).

A partir da perspectiva epistemológica, sublinham Minayo & Sanches (1993), nem a abordagem qualitativa, nem a quantitativa é mais científica do que a outra (...) Uma pesquisa, por ser quantitativa, não se torna melhor e mais objetiva. Trata-se de abordagens com características diferentes, mas ambas dentro do mesmo método científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Boudon R. (1979). Generating models as a research strategy, pp. 51-64. In RK Merton, JS Coleman & PH Rossi PH (orgs.). *Qualitative and Quantitative Social Research*. The Free Press, Nova York.

Castro R & Bronfman MN (1997). Algunos problemas no resueltos en la integración de métodos cualitativos y cuantitativos en la investigación social en salud. Trabalho apresentado no IV Congresso Latinoamericano de Ciências Sociais e Medicina, Cocoyoc, México. (Mimeo).

Cipolla C & De Lillo A (orgs.). (1996). *Il sociologo e le Sirene: la Sfida dei Metodi Qualitativi*. Angeli, Milão.

Delli Zotti G (1996). Quale quantità e quanta qualità nella ricerca sociale: tra integrazione e convergenza, pp. 136-166. In C Cipolla & A De Lillo (orgs.). *Il Sociologo e le Sirene: la Sfida dei Metodi Qualitativi*. Angeli, Milão.

Lazarsfeld PF & Barton AH (1967). Alcune funzioni dell'analisi qualitativa nella ricerca sociale, pp. 307-368. In PF Lazarsfeld. *Metodologia e Ricerca Sociologica*. Il Mulino, Bolonha.

Minayo, M.C. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública* 9(3):239-262

Niero, M. (1987). *Paradigmi e Metodi di Ricerca Sociale: l'Inchiesta, l'Osservazione e il Delphi*. Vicenza, Nuovo Progetto.

Perrone, L. (1977). *Metodi Quantitativi della Ricerca Sociale*. Feltrinelli, Milão.

Steckler A, Mcleroy RM, Goodman RM, Bird ST & McCormick L 1992. Toward integrating qualitative and quantitative methods: an introduction. *Health Education Quarterly* 19(1):1-8.

Wallace W. (1971). *The Logic of Science in Sociology*, Aldine, Chicago.